

VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CICLO BÁSICO ESCOLAR: UM PROBLEMA PRESENTE, COM CONSEQUÊNCIAS CONSTANTES

Thaís Resende Araújo Borges Bonfim; Fernanda Telles Márques

Universidade de Uberaba.

Thais.borges@outlook.com; Fernanda.marques@uniube.br

Linha de trabalho: Políticas Públicas na educação.

Resumo

A pesquisa teve como objetivo geral discutir a questão da violência de gênero na Educação Básica. Foram seus objetivos específicos: apresentar marcos conceituais interdisciplinares para a discussão das noções de gênero e de violência; contextualizar a manifestação de agressividades e violências escolares envolvendo questões de gênero; identificar as principais consequências psicológicas das violências de gênero ocorridas na Educação Básica. Para alcançar referidos objetivos, optou-se pela revisão bibliográfica, iniciada com um mapeamento do estado do conhecimento junto ao Portal de Periódicos da CAPES.

Palavras-chave: Violência de gênero, violência escolar, *bullying*.

Contexto do Relato

Agressões de diferentes formas se tornaram comuns no ambiente escolar. Esta naturalização da violência na escola traz a falsa ideia de que brigas, discussões, e humilhações são coisas aceitáveis e que fazem parte dessa fase da vida das crianças e da rotina escolar. Os estereótipos em relação aos gêneros também são naturalizados e passados para as crianças desde antes do nascimento. A escola muitas vezes se torna cúmplice do *bullying* quando não interfere ao presenciar que um ou um grupo de alunos agredem outros de alguma forma devido a atributos apresentados que por algum motivo não parece condizentes com o padrão de gênero que foi por eles interiorizado como o padrão aceitável.

Em praticamente todas as escolas é possível observar o *bullying* ocorrendo de diferentes formas. Martins (2005) divide o *bullying* em subcategorias, sendo a agressão direta e agressão física, a agressão direta verbal, e a agressão indireta, que pode ser denominada *mobbing*, caracterizado por agressões mais discretas como xingamentos, apelidos e constrangimentos. Além do *bullying* e *mobbing* existe também o *cyberbullying*, que propaga a

agressão através da internet, se tornando um problema também muito crescente devido à inclusão digital que ocorre cada vez mais cedo entre as crianças, e a sensação de anonimato que o agressor tem ao espalhar difamações sobre a vítima na internet.

Para Vinha (2000), é possível identificar alunos vítimas do *bullying* e suas variáveis modificando seu comportamento em casa, com os amigos, e em seu convívio social, revelando que o problema ocorre de dentro da escola para fora, afetando a vítima em diversos aspectos de sua vida. Lopes Neto (2005) comprova que vítimas do *bullying* e de outras violências relacionadas à escola têm grandes tendências a desenvolverem problemas psicológicos que podem ser levados para o resto da vida, ou até mesmo problemas que surgem apenas na vida adulta, resultantes de anos de humilhações, violências e estresse vivenciados no ambiente escolar.

Detalhamento das Atividades

Considerando a seriedade do problema, a presente pesquisa, que consiste em uma revisão bibliográfica, tem como objetivo geral discutir a questão da violência de gênero na Educação Básica. Para discutir a questão da violência de gênero da Educação Básica, iniciamos com um mapeamento do estado do conhecimento, para o qual optamos pelo Portal de Periódicos da CAPES. Este portal foi escolhido por se tratar de um banco de dados com reconhecimento nacional.

Análise e Discussão do Relato

Refletir sobre as relações de gênero tornou-se algo cada vez mais necessário na sociedade atual, em que diversos assuntos são pautados pelas caracterizações de feminino e masculino, e por suas representações sociais. O sexo biológico e físico está classificado em relação ao órgão sexual, enquanto o gênero, que corresponde a elementos da conduta da pessoa e que pode ser classificado em feminino e masculino, resulta de uma concepção sócio histórica, pautada por determinantes e por características associadas a um sexo ou outro. Silva, Amazonas e Vieira (2010) explicam que a diferenciação de gênero começou a ser desenvolvida a partir da Revolução Francesa, devido à necessidade de diferenciar o homem e a mulher, mas de modo a inferiorizar o sexo feminino em relação ao masculino. Essa visão de mundo pode ser vista na educação que era dada para as crianças nesta época, diferenciando

bastante meninas e meninos. Os meninos aprendiam desde cedo a assumir responsabilidades de adultos; eram preparados para cuidar dos negócios da família e/ou para dedicar-se aos estudos e ter uma boa carreira. A educação das meninas, em contra partida, era pautada em ensinamentos para torná-las boas donas de casas, aprendendo desde cedo a serem bem comportadas e obedecerem as regras.

O feminismo contemporâneo é um dos grandes responsáveis por buscar compreender e desmistificar essas desigualdades de gêneros, e como isto está presente nas relações sociais. Carlotto (2008) destaca a importância de compreender que apesar dos estudos de gêneros muitas vezes serem vistos como algo que busca analisar as condições das mulheres, a temática não deve ser reduzida às questões das mulheres, tratando-se, antes, em um esforço de compreensão das *relações entre* homem e mulher

A diferenciação entre homem e mulher também é muito questionada sobre o ponto de vista emocional e na infância. Fávero (2010) questiona a naturalização de conceitos que deveriam ser amplos a todas as pessoas, mas são distinguidos entre femininos e masculinos. É o caso da expressão das emoções, em que se entende que as mulheres são livres para se expressarem emocionalmente, ao contrário dos homens, que são muitas vezes repreendidos até mesmo por chorarem. Na cultura ocidental hegemônica, sentimentos como tristeza, medo e vergonha são vistos como algo normal quando vivenciados por mulheres, mas caso expressados por homens tornam-se associados a covardia. Já a raiva e a competitividade são vistas como da natureza masculina, e caso uma mulher expresse tais sentimentos é facilmente repreendida ou relutada. Dentro dessa mesma lógica estabelecida de forma sócio histórica, está a relação em que a razão, potência, e a força, distinguem-se de emoção, fragilidade, e vulnerabilidade, e que estes são pertencentes respectivamente ao homem e a mulher.

No ambiente escolar, tais concepções refletem de um modo muito negativo, em que desde cedo as crianças são acostumadas a segregarem os colegas que por algum motivo não expressa tais emoções ou sentimentos conforme se esperado em relação ao gênero. A falta de liberdade para se expressar ocorre de tal maneira que é muito comum observar violências quando uma criança age em desacordo com o que se espera para seu gênero. É o caso de meninos que sofrem *bullying* por demonstrarem ser mais sentimentais, não demonstrarem agressividade, e/ou expressarem de modo mais meigo ou delicado seus sentimentos; e o caso de meninas que também sofrem *bullying* por se mostrarem pouco suaves ou mais agressivas ao que se espera para o sexo feminino, de modo a serem discriminadas quando expressam

uma agressividade natural, mas que é logo denominada como “jeito de menino”. Tais situações são vistas desde bem cedo no convívio entre crianças, reforçando a ideia de que elas já nascem e aprendem a concepção de “coisa de menino” e “coisa de menina” naturalmente, e usam como parâmetros nas suas vivências cotidianas, onde as próprias crianças reproduzem a violência de gênero com os colegas.

Na escola, Alós (2011) destaca como acontecimentos muito corriqueiros a presença de alunos que diferem da maioria em algum sentido, como os meninos identificados como “mais sensíveis” por preferir brincadeiras consideradas femininas a jogar futebol com os demais meninos, ou como alunas que se diferem das outras por serem mais agressivas e não se calarem diante de quem lhes perturba. A não aceitação de crianças que fogem dos estereótipos definidos dos gêneros faz com que essas situações sejam vistas como problemas pelos educadores, que buscam corrigir tais comportamentos. Ainda no ambiente escolar, é comum ver a diferenciação de gênero em relação à violência, em que as agressões entre meninos são vistas como algo normal, da natureza masculina, já a violência entre o sexo feminino é mais repreendida, pois culturalmente violência não é coisa de menina. Este discurso se repete entre educadores, funcionários da escola, e até mesmo os pais, ressaltando novamente como este conceito está inserido e banalizado na sociedade. Tudo isso faz com que os estudos sobre as identidades e relações de gênero não deixem de lado a questão da violência – tanto em suas formas mais visíveis, como a violência física, quanto em suas manifestações mais sutis, como a violência psicológica ou aquela que é exercida de uma classe sobre outra, de um grupo sobre outro.

O preconceito e desrespeito em relação aos gêneros que já está enraizado na sociedade e na cultura torna-se um grande gerador de atos violentos, gerando conflitos que envolvem agressões físicas, verbais, humilhações e constrangimentos, e no ambiente escolar isto não é diferente. A violência pode ser compreendida de diferentes maneiras, sendo comum citar violência e agressividade como sinônimos, mas a realidade é que apesar de serem constantemente confundidos, essas duas manifestações se distinguem em diversos aspectos. Nápoli (2011) destaca que, ao enxergar a violência como algo natural do ser humano, estamos acordando com atos agressivos e aceitando que eles estejam presentes no nosso cotidiano, além de concordar que não é possível recuperar pessoas violentas, apenas puni-las como tentativa de repressão. Mas ao aderir a ideia de Winnicott, em que a agressividade e a violência são expressas de acordo com a vivência de cada indivíduo, torna-se possível tentar

compreender o motivo que levou o ato violento a se consolidar, e buscar entender e modificar o meio em que a agressividade teve origem, de forma histórico e social para evitar que a agressividade violenta seja necessária como meio de defesa novamente.

Quando pensamos em violência na escola, a ideia inicial é de agressão física, geralmente entre meninos, porém existem diversas outras formas em que a violência se apresenta nesse meio, indo além da agressão física de fácil identificação, podendo ser presente também de formas mais discretas como a intimidação ou difamação entre pares. As agressões físicas, verbais, os insultos, apelidos, constrangimentos e boatos que os agressores produzem no ambiente escolar vem sendo estudados e denominados como *bullying*. O termo *bullying* é utilizado de forma generalizada para definir qualquer tipo de violência escolar, mas Márques (2011) chama atenção para ocorrências que podem ser melhor identificadas com o conceito de *mobbing*. O *mobbing* é caracterizado por um comportamento repetitivo praticado não apenas por um único indivíduo, mas sim por um grupo que ridiculariza e intimida a vítima, com o intuito de humilhar e constranger através de apelidos, difamações, e comentários negativos sobre sua aparência física ou condição social.

No ambiente escolar os alunos agressores podem exercer a violência de diferentes modos, e para entender melhor o conceito de *bullying* suas diferentes formas de propagação foram divididas em subcategorias. De acordo com Martins (2005), o *bullying* pode ser classificado em três grupos diferentes. O conceito de agressão de forma direta e física é caracterizado pelo agressor que utiliza também a força física para agredir a vítima além de humilhar verbalmente. Na agressão direta e verbal o agressor faz insultos diretamente para a vítima, muitas vezes na frente dos demais colegas, colocando apelidos, apontando defeitos físicos, ou utilizando de alguma situação para constranger e humilhar a vítima. A agressão indireta é a forma mais difícil de ser identificada já que a vítima não é agredida diretamente, pois o agressor propaga boatos, apelidos e difamações acerca da vítima para os demais colegas, causando muitas vezes a exclusão social da vítima no ambiente escolar, mesmo sem a agredi-la diretamente.

Para Ristum & Bastos (2014), as agressões podem resultar em três tipos diferentes de consequências, sendo a física, a social, e a psicológica, que comumente se apresentam juntas, de modo que uma consequência puxa a outra. Dentre esses três tipos, a de mais fácil identificação é a violência física, seguida pela violência social, em que é notório também, por exemplo, a exclusão da criança no grupo. A violência psicológica torna-se difícil de

identificar, ao ponto que muitas vezes a criança não recebe a devida atenção quando sofre com o *bullying*, e as pessoas ao redor não conseguem identificar ou associar ao fato as mudanças de atitude do aluno.

Entre grande parte das crianças que praticam o *bullying*, Lopes (2005) destaca que é comum observar a agressividade vista pela própria criança como qualidade, além da impulsividade, popularidade, autoestima elevada, e a satisfação em humilhar o próximo; entre as vítimas, é comum observar a baixa autoestima, insegurança, dificuldade em sociabilizar, e dificuldade nas relações entre pares no ambiente escolar.

Assim como as formas de agressões se diferenciam entre meninos e meninas, as consequências que ambos sofrem também são diferentes. Em pesquisa realizada em uma escola pública da cidade de Uberaba, MG, Bonfim e Márques (2013) identificaram que entre as meninas os maiores problemas estão ligados a aparência física, já que isto é o mais explorado pelos autores do *bullying*. Quando a criança sofre, por exemplo, por ter o cabelo enrolado ou estar acima do peso, isto passa a ser visto por ela como uma característica negativa, geradora de problemas e responsável por sua não aceitação num grupo, fazendo com que ela, que nunca havia visto como um problema tais características, queira mudar.

Os estereótipos que as alunas possuem no imaginário muitas vezes são estabelecidos por padrões da mídia, em que é exaltado a beleza em pessoas loiras, de olhos claros, altas e magras, características estas que não são tão comuns de na maioria dos ambientes escolares. Lopes (2005) elucida que muitas vezes a autoestima da vítima já está tão abalada que ela se sente merecedora dos maus-tratos sofridos, e justamente por isto não busca ajuda para o enfrentamento do problema, assim como a vergonha e medo de não ser levado a sério, ou sofrer mais retaliações por parte dos agressores. Lopes (2005) destaca que alguns fatores podem ser determinantes para os problemas psicológicos que a criança pode sofrer. O tempo e regularidade em que as agressões ocorrem está diretamente ligada com a intensidade das consequências a serem sofridas. De imediato, além da tensão, o medo, o isolamento social, a ansiedade, e a insegurança, a criança também pode ter queda no desenvolvimento acadêmico, já que o ambiente escolar, que deveria ser visto como um lugar seguro para que a criança se desenvolva da melhor maneira possível, passa a ser visto como um lugar hostil e palco de um grande sofrimento que deve ser evitado. De acordo com Vinha (2000) as consequências também diferenciam entre a vítima e o agressor, já que diferentemente dos fatores já citados que a vítima sofre, o agressor passa a sofrer com uma necessidade constante de ser mais

agressivo, já que precisa exercer a violência para ter uma boa imagem de si mesmo, de modo a se tornar sempre mais egocêntrico e violento com os outros.

Considerações

Conceituar as noções de gênero, os conceitos de violência, e a diferenciação entre violência e agressividade se mostrou fundamental para compreender melhor as diferentes formas de violência presente no ambiente escolar, e quais consequências este problema pode trazer. Desde antes do nascimento já estamos inseridos em uma sociedade que define tudo baseado pelo sexo feminino ou masculino, refletindo também no ambiente escolar.

Quando compreendemos a violência como um mecanismo de defesa, podemos entender melhor a dinâmica que leva as crianças a se tornarem tão agressivas na escola. É importante não desprezar o fato de que o ambiente contribui para que os alunos expressem sua agressividade, como quando a escola e os educadores não reconhecem os atos como violentos, tratando como algo corriqueiro ou uma violência que vem de fora para dentro.

A violência entre pares na escola não pode ser vista como algo normal ou corriqueiro, pois os atos agressivos vivenciados pelas crianças durante esta fase em que a formação e a aceitação no grupo são de fundamental importância pode ser causadora de grandes problemas psicológicos que poderão resultar em consequências para toda a vida.

Reconhecer o *bullying* como um problema que diz respeito a escola, aos pais, e a sociedade de forma geral é necessário para que todos assumam a responsabilidade de evitar episódios de violência na escola, além de lutar contra os estereótipos que fazem com que a violência de gênero seja tão presente no ambiente escolar, de modo a tornar a escola um lugar agradável e seguro para um bom desenvolvimento da fase infantil dos alunos. Ao fechar os olhos para o problema, estamos consentindo que crianças sofram com as consequências psíquicas que poderão ser levadas até a fase adulta. Tais consequências se tornam um problema de todos já que muitos fatores como os complexos antissociais e a depressão são cada vez mais crescentes, sendo um problema impactante em toda a sociedade.

Referências

- ALÓS, Anselmo Peres. Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão. **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, Aug. 2011.
- BONFIM, Thaís Resende A. Borges; MÁRQUES, Fernanda Telles. Violência na escola: um estudo comparativo da percepção de alunos do primeiro e do segundo ciclo do ensino público fundamental. RELATÓRIO FINAL – SEMIC UNIUBE. Uberaba: UNIUBE/CNPq, 2013, 28 p.
- CARLOTO, Cássia Maria. O Conceito de Gênero e sua Importância para a Análise das Relações Sociais. **Serviço Social em Revista**, UEL, vol. 3, n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v3n2_genero.htm>. Acesso em 10 de outubro 2016.
- LOPES NETO, Aramis A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, nov. 2005.
- MÁRQUES, Fernanda Telles. A violência institucional e as manifestações de violência entre pares no ambiente escolar. I CONGRESSO INTERNACIONAL DE TRABALHO DOCENTE E PROCESSOS EDUCATIVOS, 2011, Uberaba, MG. Anais do VI Encontro de Pesquisa em Educação, 2011.
- MARTINS, Maria José D. Agressão e vitimização entre adolescentes, em contexto escolar, um estudo empírico. **Revista Análise Psicológica**. Out. 2005, v.23, nº4, p.401-425.
- NÁPOLI, Lucas. Por que Winnicott não aderiu ao conceito de pulsão de morte? Blog Psicanálise em humanês. 2011. Disponível em <http://lucasnapoli.com/2011/04/06/por-que-winnicott-nao-aderiu-ao-conceito-de-pulsao-de-morte-final/>. Acesso em 10 de outubro 2016.
- RISTUM, Marilena; BASTOS, Ana Cecília de Sousa. Violência urbana: uma análise dos conceitos de professores do ensino fundamental. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.9, n. 1, 2004
- SILVA, Thálita Cavalcanti Menezes da; AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida; VIEIRA, Luciana Leila Fontes. Família, trabalho, identidades de gênero. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 15, n. 1, Mar. 2010.
- VINHA. Telma Pileggi. **O educador e a moralidade infantil**. Campinas: Mercado de Letras, 2000.